



Junho 2013 | 11ª Edição | www.revistaexagium.ufop.br | ISSN 1983-4519

Editorial

Convites

PELLEJERO, Eduardo. O desterro dos poetas. A crítica platônica à arte mimética.
FREITAS, Romero. Estética como filosofia da natureza.

Adorno

SEPE, Fernando. A teoria da vanguarda de Peter Bürger.
ALVES, Marco Antônio S. Adorno e a nova arte: efemeridade, fragmentação, hibridismo e isolamento social.

Cinema e Filosofia

ROGOSKI, Larissa C. Alain Badiou e André Bazin: diálogo sobre o cinema.
VIEGAS, Susana. O que nos faz pensar? Heidegger, Deleuze e a filosofia do cinema
MATTOSO, Júlia Casamasso. As razões do juízo e da crítica na crise do cinema.

Estéticas

MACEDO, Cláudia Raquel. Da essência da Vontade em Schopenhauer
GALÈ, Pedro Fernandes. Sob o céu de Winckelmann.
STEFANI, Jaqueline. Temporalidade e criação: Agostinho, Bergson, Proust e Benjamin.
SILVA, Ana Carolina N. Rigor e Flexibilidade: as linguagens estéticas e epistemológicas em confronto.

Filosofia

CRUZ, Daniel Nery da. O rosto e a ética como filosofia primeira em Levinas.
SIQUEIRA, Ana Carla de A. Arte e Historicidade em Martin Heidegger.
DALAQUA, Gustavo. John Stuart Mill: a liberdade como desenvolvimento de si.

Resenha

ALAVINA, Fran. Perniola, M. Desgostos novas tendências estéticas.
Tradução de Davi Pessoa Carneiro.

Editores:

Karen Milla de Almeida França

Maurício de Assis Reis

Wesley de Faria Leonel



EDITORIAL

De maneira curiosamente fortuita, este décimo primeiro número exemplifica, à sua maneira, muito da etimologia e significado da palavra latina *exagium*. Os artigos e resenha que compõem esta edição ensaiam um olhar por sobre muros, um flerte ou mesmo uma glosa entre fronteiras. As seções desta edição apontam neste sentido, a exemplo da seção **Convites** – que trará sempre as contribuições dos docentes membros do Conselho Editorial da **Revista Exagium** ou outros professores convidados.

Abre esta seção o artigo “O desterro dos poetas. A crítica platônica das artes miméticas”, de Eduardo Pellejero (UFRN), que revisita o tema clássico da *mimesis* em Platão, apresentando as consequências decisivas no interior de seu pensamento e, ainda hoje, persistentes no interior do pensamento estético, a exemplo da distinção entre arte e filosofia.

Romero Freitas (UFOP) demonstra como os debates da ética ecológica atual podem ser enriquecidos se aproximados ao conceitual de Kant, que apontava para uma “relação prática com a natureza” em sua noção de belo natural. Uma vez que o prazer que este nos proporciona evocaria uma imagem de uma vida plena, a natureza não estaria segmentada a um fisicalismo reducionista, tornando possível o salto normativo que desejam os modelos ecológicos.

Em seção especialmente dedicada a **Adorno**, o artigo “A teoria da vanguarda de P. Bürger”, de Fernando Sepe, busca elucidar a teoria do choque de Bürger, vivenciada por meio da denegação de sentido que a obra de arte vanguardista instaura. Partindo da influência que Adorno, em especial, Benjamin tem sobre a filosofia de Bürger. O artigo

expõe a ideia de alegoria, a fim de evidenciar a transição entre arte orgânica e arte alegórica, visando com isso, refletir sobre a estética vanguardista, sobretudo, sobre as consequências estéticas que esta mesma arte traz.

Fechando esta seção, o artigo de Marco Antônio Sousa Alves, “Adorno e a nova arte: efemeridade, fragmentação, hibridismo e isolamento social”, propõe pensar acerca da teoria adorniana sobre as obras de arte esclarecendo aquelas que seriam suas características centrais, a saber: a sua efemeridade, fragmentação, seu hibridismo, bem como, isolamento social. Em vista, expõe a teoria estética deste mesmo autor.

Assumindo o caráter necessariamente impuro, “de massa” ou “sem erudições” do cinema, Larissa Couto Rogoski abre a seção **Cinema e Filosofia** com o artigo “Alain Badiou e André Bazin: diálogo sobre o cinema” promovendo uma frutífera aproximação entre os pensamentos destes filósofos através das noções de abertura e de “democracia” do acesso do cinema, segundo estes mesmos autores.

É presente, também, nesta seção o artigo “O que nos faz pensar? Heidegger, Deleuze e a filosofia do cinema”. Neste Susana Viegas assume como tarefa analisar as implicações que o texto heideggerino de 1951-1952, *O que chamamos pensar?*, teve no pensamento de Deleuze, sobretudo, na elaboração da sua filosofia do cinema. Já que para Deleuze o cinema deve instigar-nos a pensar. No entanto, é fundamental que se compreenda a distinção entre pensar e filosofar, seja em Heidegger, seja em Deleuze.

Fica a cabo de “As razões do juízo e da crítica na crise do cinema”, de Júlia Casamasso Mattoso, fechar a seção **Cinema e Filosofia** deste número. Este artigo inquire sobre os fundamentos e sobre a urgência da crítica e do juízo no caso específico da produção do cinema *mainstream* hodierno. Valendo-se do escopo adorniano, o texto confronta-se com o dilema da necessidade do aumento da demanda de sujeitos críticos frente a um quadro catastrófico da cultura de massas, estabelecendo, ademais, um diálogo com os artigos que compõem esta seção.

O artigo “Da essência da Vontade em Schopenhauer”, de autoria de Cláudia Raquel Macedo, inaugura a seção **Estéticas** buscando elucidar os movimentos que marcam a paulatina determinação do estatuto da Vontade, tal como Schopenhauer a desmembrou no segundo livro de *O Mundo como Vontade e Representação*. Ao leitor é prestado um valoroso trabalho hermenêutico e mesmo exegético desta que veio a ser uma obra de grande importância para o estabelecimento das bases da disciplina estética.

Pedro Fernandes Galé nos oferece um esboço da compreensão de Winckelmann acerca do caráter presencial das obras de arte. Neste artigo busca-se evidenciar a relação entre o texto de Winckelmann *Pensamentos sobre a imitação das obras dos gregos na pintura e na escultura* e a emergência da estética enquanto disciplina filosófica proposta por Baumgarten, visando com isso compreender esta relação.

Deslocando-nos do presencial para o temporal, “Temporalidade e criação: Agostinho, Bergson, Proust e Benjamin”, de Jaqueline Stefani, dá seguimento apresentando a noção de temporalidade como fundante para a possibilidade de criação. Em Agostinho, Bergson, Proust e Benjamin a temporalidade é ainda o elemento fundador da identidade criadora do artista.

“Rigor e Flexibilidade: as linguagens estéticas e epistemológicas em confronto”, de Ana Carolina Nunes Silva põe termo à seção levantando um problema fronteiro: a radical negação do que não é redutível pelo método científico positivas é demérito para a arte, condenada como obscurantismo, ou para as ciências, que circunscrevem o Homem a um único e excludente modelo de ação e se tornam cegas às potencialidades cognitivas da arte?

Visando ampliar as possibilidade de publicação e, assim, o debate nas demais áreas que não a estética, a seção **Filosofia** traz três artigos na ocasião deste décimo primeiro número. “O rosto e a ética como filosofia primeira em Levinas”, de autoria de Daniel Nery da Cruz, apresenta o questionamento que este filósofo faz ao conceito de “ser”, sobretudo, como este conceito foi objetivado e explorado no decorrer da história da

filosofia. Assim, o artigo propõe demonstrar como a dimensão ética é primeira no que tange a filosofia de Levinas, para quem a ética é anterior a ontologia.

Já no artigo de Ana Carla de Abreu Siqueira: “Arte e Historicidade em Martin Heidegger”, encontraremos o problema da noção de historicidade exposto já em 1927, em *Ser e Tempo*, que posteriormente foi redimensionado em 1936 no ensaio *A origem da obra de arte*. Sob esse enfoque Siqueira tenta demonstrar as consequências do diálogo entre obra de arte e sua historicidade tal como proposto por Heidegger.

Ao fim da seção, o artigo “John Stuart Mill: a liberdade como desenvolvimento de si”, de autoria de Gustavo Dalaqua, explora a doutrina da liberdade de John Stuart Mill, para quem a liberdade é desenvolvimento de si, estilo de vida crítico, oposição egoística, o que obriga a Mill uma bivalência quanto ao estatuto do sujeito.

Em **Resenha**, a seção de fechamento deste número, figura a contribuição de Fran Alavina sobre a tradução de *Desgostos novas tendências estéticas*, de Mario Perniola, tradução esta realizada por Davi Pessoa Carneiro e publicado pela Editora da UFSC em 2010. O título original da obra é *Disgusti. Nuove tendenze estetiche*. Milano: Costa & Nolan, 1999. Fran Alavina chama atenção para a crítica de Perniola a certa postura já assentada que consiste em identificar, sem mais, filosofia da arte e estética, limitando a estética a um reduto acadêmico e impossibilitando o reconhecimento das multiplicidades de experiências e, conseqüentemente, as possibilidades de se pensar o estético em novos ângulos.

Boa leitura!

Karen França

Maurício Reis

Wesley Leonel